O TIPO DE VIVÊNCIA NO PSICODIAGNÓSTICO DE RORSCHACH

EVA NICK

O tipo de vivência (Erlebnistypus, type de résonance intime, experience balance) é definido pelo próprio Rorschach como sendo a relação mútua entre as respostas de movimento e as respostas de côr, relação esta que é por êle considerada como de maior importância que cada uma das respostas tomadas isoladamente: "Les chiffres absolus de K et C ne donnent par eux-mêmes que des répresentations insufisantes, quelle que soit leur importance en tant que répresentants du travail d'intériorisation, c'est-à-dire des moments affectifs: *l'essentiel est leur rapport mutuel*". (Rorschach, Psychodiagnostic, traduction française, pg. 70).

Desta forma, permite-nos o tipo de vivência caracterizar dois tipos de individuos, o tipo K e o tipo C, aos quais Rorschach associa as duas variáveis de *introversão* e *extratensão;* admitindo ainda um tipo intermédio ao qual dá o nome de ambigual ou ambi-equal.

O tipo de vivência é considerado, pelo próprio Rorschach e pelos seus continuadores, como sendo um dos elementos fundamentais do seu psicodiagnóstico. Basta citar o testemunho de Klopfer: "The introversion-extraversion problem, in the sense in which we have been using these terms, forms the core of Rorschach's own personality theory and appears over and over again in his Psychodiagnostik..." (Klopfer-Kelley, The Rorschach Technique, pg. 223).

O tipo de vivência, no entanto, não visa estabelecer uma dicotomia rígida entre dois tipos individuais distintos e opostos. Rorschach prefere agrupar os individuos em introversivos e extratensivos exatamente para evitar a oposição comum entre "introversão" e "extraversão": "Mais ce terme (extraverti) a ce désavantage de faire conclure à une contradiction entre introversion et extraversion... ce ne sont pas des psychismes contraires mais des psychismes différents qui sont à la base de l'introversion et de l'extraversion..." (Idem, pg. 81).

Outros autores, como Klopfer e Rapaport, também admitem ser a introversão e a extroversão um "continuum" psíquico pelo qual se distribuem os indivíduos, isto é, que a introversão e a extroversão devem ser considerados *traços* da personalidade e não tipos psicológicos. Klopfer chega mesmo a levantar a hipótese da distribuição normal dêstes traços: "A second

assumption (to be checked by further research) may be made that this susceptibility to be stimulated from within, or to be stimulated from without, is distributed in mankind according to a normal curve". (Idem, pg. 222). Isto também se coaduna com a moderna teoria psicológica: Eysenck, por ex., no seu famoso livro "Dimensions of personality", chama a atenção para o fato de que, atualmente, é mais seguro e mais científico considerar têrmos como introversão, extraversão, como sendo descritivos de *traços* e não de *tipos* psicológicos, pois embora ainda não se tenha chegado a uma conclusão sôbre o tipo de distribuição inerente a êsses fenômenos (normal ou bi-modal), o traço se encontra mais perto da realidade psicológica do que o tipo, pois êste representa uma abstração maior em relação às reações ou comportamentos realmente observados.

As variáveis que são consideradas no tipo de vivência de Rorschach são as seguintes: a) n.º de respostas de movimento, b) n.º de respostas de côr (puras ou aliadas a outros determinantes), c) relação mútua entre as respostas de movimento e as respostas de côr, d) coartação ou dilatação: "Si nous savons d'un sujet quelle est la force de ses moments introversifs (d'après le nombre absolu des réponses K) et la force de ses moments extratensifs (d'après le nombre absolu des réponses C), si nous savons dans quel rapport mutuel se trouvent les moments introversifs et les moments extratensifs, si nous savons jusqu'à quel degré les moments introversifs et les moments extratensifs sont coartés ou dilatés (selon le nombre des K, des C, et selon quelques autres facteurs)..." (Rorschach, pg. 86). Ora, são estas as variáveis que nos permitem determinar, diante de um psicodiagnóstico qualquer, o tipo de vivência da pessoa a quem o mesmo pertence. Deixaremos de lado várias considerações interessantes que podem ser feitas a respeito (como seja a modificação introduzida por Klopfer, que distingue o tipo de vivência reacional do constitucional), e trataremos sòmente do problema da *avaliação* do tipo de vivência.

Tradicionalmente, isto é, segundo as indicações fornecidas pelo próprio Rorschach, e seguidas pela maioria dos autores, o tipo de vivência é avaliado pela predominância dos momentos introversivos sôbre os extratensivos, ou vice-versa. (Sendo M maior do que C o indivíduo é classificado como introversivo; sendo C maior do que M, como extratensivo; sendo C igual a M, como ambigual; sendo C e M igual a 0 ou bem próximos de 0, como coartados ou coartativos). No entanto, Beck aconselha cautela: "These are Rorschach's suggestions, but it should be emphasized that he does not offer these values as results of controlled research. They are to him a rule o' thumb... they are weather vanes pointing in certain directions and thus indicating a likelihood that a personality is of such and such kind". (Beck, Rorschach's test, vol. 1, pg. 152-3). Verifica-se também, na prática, a necessidade de admitir certa latitude de variação: assim, por ex., mesmo que M seja ligeiramente maior do que C (por ex. M = 2 e C = 1,5) muitos examinadores classificariam o indivíduo como sendo ambigual. Ora, a simples predominância absoluta de M sôbre C (ou vice-versa) consti-

tui um critério precário, a nosso ver, pois não permite grande margem de variação individual. Eis por que desejamos chamar a atenção para uma nova modalidade de avaliação, introduzida por D. Rapaport, e que nos parece corresponder melhor à realidade. Rapaport prefere calcular o tipo de vivência de acôrdo com a seguinte fórmula:

$$\text{Tipo de vivência: } \frac{M}{M + C} \times 100$$

na qual M representa as respostas de movimento (sendo M = 1 e FM = 0,5) e C as respostas de côr (sendo C = 1,5; FC = 0,5 e CF = 1). Ao resultado acima denomina Rapaport de M% (percentagem de M) e considera haver predominância clara de M quando M% igual ou maior do que 60%, e predominância clara de C quando M% igual ou menor do que 40%. Uma percentagem de M entre 40% e 60% define o tipo ambigual; e uma percentagem igual ou maior do que 80% uma introversão extrema (predominância extrema de M), assim como uma percentagem igual ou menor do que 20% representa extratensão extrema (predominância extrema de C). Evidentemente, Rapaport poderia ter empregado da mesma forma o valor de C, o que daria os mesmos resultados. Além disso, Rapaport estabelece ainda um critério diverso para a coartação ou dilatação, considerando o tipo de vivência como dilatado quando M + C igual ou maior do que 6.

Verifica-se desde logo que o método de Rapaport permite situar os indivíduos ao longo de uma faixa graduada de 0 a 100; correspondendo o valor 100 a uma introversão absoluta, o valor 0 a uma extratensão absoluta e o valor 50 representando a média ou valor central.

A fim de melhor salientar os méritos relativos dos dois sistemas de avaliação do tipo de vivência, anexamos ao presente trabalho um estudo de casos concretos, sendo uns representativos do grupo de contrôle do próprio Rapaport (em número de 54) e por êle considerado normal, embora com ligeiras tendências depressivas; e outros casos do ISOP (amostra que evidentemente não é representativa do universo, mas que não inclui casos decididamente patológicos).

Finalmente, resta-nos considerar a eventual relação existente entre M e C e o número total de respostas dadas ao teste. Verificamos, inicialmente, que M + C geralmente é muito inferior a N (número total de respostas), o que fàcilmente se compreende por ser a forma (F) o determinante quase que privilegiado no teste de Rorschach. Ora, talvez pudéssemos considerar % de M + C em relação a N como índice de dilatação ou coartação (o que ainda teria que ser estudado), mas %M ou %C como índice de introversão ou extratensão não nos parece aconselhável. Isto porque, segundo o próprio Rorschach e segundo outros estudos (cf. Rapaport), a direção do tipo de vivência permanece o mesmo em condições de coartação, isto é, quando há diminuição de M e de C. Rapaport, por ex., depois de verificar os índices normais de M e de C em populações psiquiátricas (esquizofrênicas, obsessivas, etc.) comparou êstes índices com os resultados apresentados por indivíduos pertencentes ao

mesmo grupo, quando havia coartação, e não encontrou divergências sérias. Está claro que devemos atribuir à percentagem M sôbre N e C sôbre N algum valor, mas êste não parece estar ligado ao tipo de vivência e sim a outros fatôres, como sejam: no caso de M, o número relativo das respostas de movimento parece estar ligado ao poder de imaginação, criação; ao passo que o número de C parece ser um índice da afetividade ou emotividade.

Ao apresentar êste modesto estudo, desejamos apenas contribuir para esclarecer um aspecto do psicodiagnóstico de Rorschach que nos pareceu necessitar de maior explanação. Aceitaremos com o máximo prazer quaisquer críticas ou sugestões que nos forem porventura encaminhadas.

ANEXO

Damos, a seguir, para a amostra do I.S.O.P., de magnitude N = 200, o cálculo dos promédios e medidas de dispersão das seguintes variáveis do teste de Rorschach:

a) N.º total de respostas;
b) N.º de respostas C+ n.º de respostas M;
c) N.º de respostas C;
d) N.º de respostas M;
e) Distribuição das diferenças entre as respostas C e as respostas M.

Embora a falta de espaço não nos permita dar a distribuição de freqüência de cada uma das variáveis, desejamos assinalar antes de mais nada que não se trata de distribuições normais, nem mesmo com ligeira assimetria. As curvas de freqüência apresentam tôdas concentração dos valores no limite inferior, isto é, predominam os valores inferiores da variável. Esta tendência, visível embora já no n.º total de respostas, se acentua muito no caso das outras variáveis, e, acompanhada de uma dispersão muito grande, a rigor não permitiria o cálculo de médias aritméticas e desvios-padrão, sendo de preferir o cálculo das medianas e das demais separatrizes (e mesmo o desvio inter-quartiliar). No entanto, dado o fato de que as poucas estatísticas publicadas a respeito (como, por ex., a pesquisa feita por Samuel Beck em 157 adultos normais americanos) sejam em têrmos de médias e desvios-padrão também calculamos êstes valores, a fim de usá-los como têrmo de comparação. Apenas desejamos salientar que, evidentemente, um D.P. igual ou superior à média não tem significação psicológica. Aliás, o fato de o mesmo ocorrer na pesquisa de Beck, em relação não só aos valores M e C como também aos valores de conteúdo, nos leva a crer que não se trata de anomalia da amostra do ISOP e sim de condição inerente a prova, o que resta contudo a ser comprovado.

	Média	*Desvio-Padrão*	*Mediana*	*Q1*	*Q3*	*Desvio inter-quartiliar*
N.º de respostas	27,85	19,79	22,46	14,65	34,95	10,15
Respostas C+M.	5,56	4,48	4,67	2,46	7,46	2,5
Respostas C....	3,13	2,79	2,32	1,10	3,96	1,43
Respostas M....	2,95	3,31 (!)	2,03	1,10	3,82	1,36

Distribuição das diferenças — A verificação da distribuição das diferenças foi feita do seguinte modo: em cada caso individual, verificava-se, em primeiro lugar, se M era igual a C, se era superior ou se era inferior a C. Para efeito de tabulação, convencionamos designar M = C de diferença nula, M maior do que C de diferença negativa e M menor do que C de diferença positiva (evidentemente poderíamos ter invertido os sinais). Separando dois grupos de 100 casos, temos:

1.º grupo:	Diferenças nulas	18	(Sendo 6 casos em que M=0 e C=0)
	Diferenças positivas	47	
	Diferenças negativas	35	
2.º grupo:	Diferenças nulas	19	(Sendo 11 casos em que M=0 e C=0)
	Diferenças positivas	44	
	Diferenças negativas	37	

Total dos dois grupos: Dif. nulas 37 (17 com M e C = 0), dif. positivas 91, e diferenças negativas 72.

Temos ainda a assinalar que as diferenças positivas variavam de 0,5 a 9,5 (com um caso extremo de 15,5), e as negativas de 0,5 a 7,5 (com dois casos extremos de 14 e 30).

Verifica-se:

a) uma ligeira predominância (não significativa estatìsticamente) das respostas C sôbre as respostas M;

b) a pequena percentagem que as respostas C + M representam no total das respostas;

c) o número pequeno de diferenças nulas (que a rigor caracterizaria os ambiguais; número que ainda decresce se excluímos os coartados).

Para têrmo de comparação, damos aqui alguns resultados obtidos por Rapaport e por Beck:

Beck: (amostra de 157 adultos normais americanos, de ambos os sexos. Pesquisa descrita no "Journal of Psychology", editado por Carl Murchison, em outubro de 1950).

N.º de respostas: Média 32,65; Desvio-Padrão 17,68.

Respostas M: Média 3,50 — D.P. 3,24

Respostas C: Média 3,11 — D.P. 2,74.

Tipo de vivência ambigual, moderadamente dilatado.

Rapaport: (54 casos do grupo de contrôle normal, embora com alguma dificuldade de ajustamento; descrito in "Diagnostic Psychological Testing").

N.º de respostas: Média 17,63 — Mediana 15,8;

Respostas M + C: Média 2,98 — Mediana 2,26;

Respostas M: Média 1,0 — Mediana 1,0;

Respostas C: Média 2,1 — Mediana 1,5.

Diferenças: Nulas: 7 — Positivas: 33 — Negativas: 14.

Finalmente, resta-nos estudar o critério de avaliação comum em

comparação com o critério utilizado por Rapaport. Aplicando o critério de Rapaport ao 1.º grupo da amostra do ISOP obtivemos:

Coartados: M e C= 0 — 6 casos

Coartados em M: M= 0 — 17 casos (aqui percentagem de M igual a 0)

Coartados em C: C= 0 — 10 casos (aqui percentagem de M igual a 100)

Rigorosamente ambiguais: M=C 11 casos (aqui percentagem de M igual a 50).

Os restantes se distribuem da seguinte maneira:

$M \leqslant 20$		26 casos	$M \geqslant 80$		16 casos
$M > 20$	$40 \geqslant M$	18 casos	$M < 80$; $M \geqslant 60$		15 casos
$M \leqslant 40$		44 casos	$M \geqslant 60$		31 casos

$M > 40$ e $M < 60$

19 casos

Isto equivale a: (seg. Rapaport):

Coartados: 6
Ambiguais: 19
Levemente introvertidos: 15
Muito introvertidos: 16
Levemente extrovertidos: 18
Muito extrovertidos: 26.

Verifica-se que não foi alterada a distribuição de tipos alcançada pelo critério anterior, pelo menos sensìvelmente, embora o n.º de ambiguais seja um pouco superior segundo o critério de Rapaport. No entanto, nada nos impede de alterar, segundo a experiência com um grupo normal, os limites divisórios fixados por Rapaport, se necessário. Além disso, em casos individuais, evidentemente o critério de Rapaport permite distinguir graus de introversão diversos segundo a relação M quanto ao total de respostas M+C, o que o critério anterior não permitia.

SUMMARY

The author presents a study of Rorschach's "experience balance" criterium, which enables us to classify individuals, according to their susceptibility to internal or external stimuli, into two different groups, "extrotensives" and "introverts". Believing that this problem, which forms the core of Rorschach's own personnality theory, must nowadays be understood in terms of continuous personnality *traits* rather than of distinct personnality *types*, the author compares the traditional evaluation of the experience balance in terms of the predominance of M over C responses (or vice-versa) with David Rapaport's new formula, viz.

$$\frac{M}{M + C} \times 100$$

by means of which we obtain a percentage of the M responses in relation to the total of M and C responses; and which enables us therefore to rank individuals along a scale of 0 to 100, ranging from complete extratension to complete intraversion, and allowing for all types of individual differences.

In order to test the merits of Rapaport's formula and also to clarify some of the underlying issues, the author studied a sam-

ple of 200 cases tested at the ISOP, and compared his findings with Beck's and Rapaport's normal samples respectively, reaching equal cases (M = C) is very slight, there is no statistical difference between the amount of M and C responses, b) the number of ambiequal cases (M=C) is very slight, c) neither M nor C is normally distributed.

RÉSUMÉ

L'auteur présente dans cet article un étude sur le type de résonance intime dans le Psychodiagnostic de Rorschach, qui nous permet classer les individus en deux groupes divers: les introvertis et les extrotensifs, selon le rapport mutuel des réponses de mouvement et de forme. Anjourd'hui, on pose ce problème en termes de *traits* caractérologiques continus, et non en termes d'une dichotomie de *types* de personnalité. Ceci nous méne à une comparaison entre la méthode classique d'avaliation du type de résonance intime et la nouvelle formule introduite par David Rapaport,

$$\frac{M}{M + C} \times 100$$

qui permet classer les individus selon la pourcentage des réponses M en relation avec le total de réponses M et C. On obtient ainsi un étalonnage de 0 (extratension absolue) a 100 (introversion absolue) avec la possibilité de ranger les individus d'accord la pourcentage spécifique de M qu'ils présentent.

L'auteur étudie aussi un groupe de 200 individus testés au ISOP, et fait une comparaison de ses résultats avec ceux de Beck et Rapaport, respectivement. Cette recherche a méné aux conclusions suivantes: a) il n'y a pas de difference statistiquement significative entre le nombre des réponses M et C, b) le nombre des cas ambi-équax est très pétit, c) ni M ni C présentent une distribution normalle or même semblable à la distribution gaussienne.